

A Ciência em Tempos de Transição Multidimensional

Penildon Silva Filho

A primeira metade do século XXI consolida-se como uma era definida pela centralidade absoluta da ciência e da saúde na compreensão e na transformação do mundo. Vivemos sob o signo de transições múltiplas, simultâneas e interconectadas que reconfiguram as bases demográficas, econômicas, geopolíticas e epistemológicas da sociedade global. Neste panorama complexo e desafiador, periódicos científicos especializados assumem uma função que transcende a mera divulgação de resultados: tornam-se agentes ativos na construção de conhecimento, na promoção do diálogo entre instituições e de forma interdisciplinar e na orientação de políticas públicas fundamentadas em evidências. A **Revista de Ciências Médicas e Biológicas (RCMB)**, nestes mais de vinte anos de trajetória ininterrupta, posiciona-se precisamente neste locus crítico, servindo como um fórum vital para a comunidade científica que enfrenta essas transformações.

As Transições Constitutivas do Nosso Tempo

A sociedade contemporânea é palco de, pelo menos, três macrotendências interligadas. A primeira, de caráter **demográfico e epidemiológico**, é marcada pelo envelhecimento populacional, tanto no Brasil quanto em grande parte do mundo. O aumento da expectativa de vida é uma conquista civilizatória, mas impõe pressões inéditas sobre os sistemas de saúde e redefine as necessidades em termos de cuidado e qualidade de vida. A saúde, portanto, deixa de ser um setor entre outros para se tornar um eixo estruturante do desenvolvimento social e econômico.

Paralelamente, atravessamos uma profunda **transição no mundo do trabalho**, impulsionada pela automação, pela informatização e pela revolução das tecnologias da informação e comunicação. Este processo, embora gere ganhos de produtividade, tem um caráter disruptivo, extinguindo ocupações tradicionais e criando outras, muitas vezes demandando novas habilidades. Contraditoriamente, a riqueza global aumenta enquanto se verifica a precarização e redução de postos de trabalho em diversos setores. A saúde, no entanto, apresenta uma dinâmica distinta e expansionista. Sob a égide da crescente “economia do cuidado”, motivada pela transição demográfica e pela complexificação dos tratamentos, este setor experimenta uma ampliação contínua de oportunidades laborais, abrangendo desde profissões assistenciais até carreiras de ponta em pesquisa, biotecnologia, gestão e engenharia biomédica. A saúde se revela, assim, um vetor de resiliência e de geração de emprego qualificado.

A terceira transição, de natureza **geopolítica**, é a emergência do **Sul**

Global como ator central no cenário internacional. Este conceito, cujas raízes remontam à Conferência de Bandung de 1955 – cujo 70º aniversário celebramos recentemente – e ao Movimento dos Não-Alinhados, consolida-se hoje em torno de blocos como os BRICS+ (Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul e novos membros) e a Organização para Cooperação de Xangai. Essas nações não apenas apresentam dinamismo econômico e crescimento do nível de vida de suas populações – com feitos históricos como a erradicação da pobreza extrema na China –, mas também promovem um projeto distinto de governança global. Este projeto valoriza a multipolaridade, a soberania nacional, a cooperação sul-sul e o planejamento estratégico de longo prazo, no qual a ciência, a tecnologia e a inovação (CT&I) ocupam um lugar de destaque, particularmente nas áreas estratégicas ligadas à saúde e ao bem-estar.

O Brasil na Encruzilhada: Reindustrialização e o Complexo Econômico- Industrial da Saúde

O Brasil, parte integrante e líder natural neste processo de reorganização geopolítica, enfrenta um desafio interno crucial: superar a **reprimarização** de sua economia. De uma participação industrial de cerca de 40% do PIB em 1980, o país viu esse índice regredir para menos de 10% do PIB em 2022, reconduzindo-o a uma posição vulnerável de exportador de commodities. A resposta a este retrocesso é a agenda estratégica de uma **reindustrialização verde e de novo tipo** que temos hoje no país. Trata-se não de reviver o parque industrial do século XX, mas de investir em setores de alta intensidade tecnológica e baixo impacto ambiental, alinhados com as transições energética e digital.

Neste contexto, o **Complexo Econômico-Industrial da Saúde (CEIS)** emerge como uma prioridade nacional de valor inestimável. Esta proposta tem como alicerce uma realidade única: o Sistema Único de Saúde (SUS). Reconhecido como um dos maiores e mais abrangentes sistemas públicos de saúde do planeta, o SUS representa uma gigantesca demanda estruturada e permanente. Ao direcionar suas compras – de insumos básicos a equipamentos de alta complexidade, como robôs cirúrgicos e plataformas de diagnóstico avançado – para uma indústria nacional inovadora, o Estado pode fomentar um mercado interno robusto e dinâmico.

A consequência é um círculo virtuoso: a pesquisa em saúde, realizada em universidades e centros de excelência como os da Universidade Federal da Bahia (UFBA), alimenta a inovação necessária ao CEIS; a indústria nacional, fortalecida, fornece produtos de qualidade ao SUS; e o sistema de saúde, por sua vez, se qualifica, gerando mais dados e demandas por novas pesquisas. Este ciclo integra definitivamente a saúde não apenas como um direito social, mas como um potente vetor de desenvolvimento econômico, soberania tecnológica e geração de empregos de alto valor agregado.

É neste cenário multifacetado que a **Revista de Ciências Médicas e Biológicas** reafirma sua indispensabilidade. Com quase um quarto de século de existência sem interrupção, ela é a testemunha e a protagonista da consolidação de um vigoroso campo de pesquisa no país. A tradição de excelência da UFBA e de outras instituições nacionais e internacionais que aqui publicam seus trabalhos encontra na RCMB um veículo de diálogo e de visibilidade.

Os artigos, de alta qualidade e rigor metodológico, refletem a abordagem interdisciplinar que se tornou imperativa. As questões de saúde do século XXI não se esgotam nos cursos de Saúde; exigem a confluência de saberes da bioética, das ciências sociais, da engenharia, da ciência da computação e da economia. As revistas científicas, ao fomentar este entrosamento, posicionam-se na vanguarda do pensamento científico necessário para navegar nossas transições.

As publicações são muito mais que repositórios de artigos. São instrumentos de soberania científica, plataformas de integração do Sul Global, ferramentas para a qualificação do SUS e do CEIS, e espaços fundamentais para a formação de uma comunidade científica crítica e criativa. Olhando para o futuro, em um horizonte expandido, são chamadas a desempenhar um papel ainda mais central na construção de um paradigma onde a saúde, a ciência e a justiça social sejam os pilares de um mundo verdadeiramente multipolar e sustentável.

Em 2026, a UFBA completará 80 anos. Com sua força de tradição e excelência acadêmica, mantém os olhos voltados para o futuro e participa ativamente das transições contemporâneas, contribuindo para que sejam inclusivas e promovam o avanço da ciência e da tecnologia, bem como uma sociedade mais justa, acolhedora e sustentável. Nesse contexto, a universidade celebra seu passado e projeta seu pensamento no porvir, precisamente na perspectiva de transformar a realidade do Brasil e do mundo. Enfrenta, para isso, múltiplas transições: demográfica, geopolítica, no mundo do trabalho e socioecológica. A presente publicação da revista assume, assim, uma dupla tarefa: comemorar os 80 anos da UFBA, cujas celebrações se iniciam no começo de 2026, e contribuir para esse engajamento coletivo. A universidade, sempre conectada e crítica ao seu tempo, atua para transformá-lo, garantindo o progresso da civilização humana.

Salvador, BA, janeiro de 2026.

Penildon Silva Filho
Professor e doutor em Educação
Vice-reitor da UFBA